

Fernando Pessoa

Que essa arte não é feita para o povo?

Que essa arte não é feita para o povo? Naturalmente que o não é — nem ela nem nenhuma arte verdadeira. Toda a arte que fica é feita para as aristocracias, para os escóis, que é o que fica na história das sociedades, porque o povo passa, e o seu mister é passar.

A nossa arte é supremamente aristocrática, ainda, porque uma arte aristocrática se torna necessária neste outono da civilização europeia, em que a democracia avança a tal ponto que, para de qualquer maneira reagir, nos incumbe, a nós artistas, pormos entre a elite e o povo aquela barreira que ele, o povo; nunca poderá transpor — a barreira do requinte emotivo e da ideação transcendental, da sensação apurada até à subtileza [...]

A nossa civilização corre o risco de ficar submersa como a Grécia (Atenas) sob a extensão da democracia, de cair inteiramente nas mãos dos escravos, ou então de ficar como Roma, não nas mãos de imperadores filhos do acaso e da decadência, mas de grupos financeiros sem pátria, sem lar na inteligência, sem escrúpulos intelectuais e sem causa em Deus. O único antídoto para isto é uma lenta aristocratização. É pela arte que, supremamente, essa aristocratização pode ser feita.

Raiava, já antes da guerra, no horizonte o triste sinal da plebeização das elites. Bailados, espectáculos e outros desvios semelhantes da arte superior iam tomando vulto. É preciso reagir contra esta corrente.

Depois da guerra, é de crer que aumente o espírito patriótico. Nada mais ignóbil. Reporto-me às palavras sublimes de Goethe quando falou de quão pouco o sentimento patriótico sobe até às paragens de ar puro e raro onde vivem os Superiores. Permita-me que lhe recorde aquele passo das conversações com Eckermann em que o Mestre de Weimar registou essa ideia.

1916?

Páginas de Estética e de Teoria Literárias. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966: 161.